

Fernando Severo demonstra que o cinema paranaense rompe com o dilema de que não temos cultura própria

A importância e riqueza do cinema paranaense foi demonstrada aos discentes do curso de Publicidade e Propaganda do UniBrasil Centro Universitário, na Aula Magna, no dia 10 de agosto de 2022. O cineasta Fernando Severo destacou o repertório dos cineastas paranaenses e dos espaços de exibição de produções cinematográficas em Curitiba e os filmes produzidos no estado. Por fim, os alunos puderam compreender a produção audiovisual local, serem estimulados a terem um olhar original e a não repetição de fórmulas, assim como mostrar que o cinema paranaense tem cultura própria.

O diretor de cinema Fernando Severo proferiu a Aula Magna do curso de Publicidade e Propaganda do UniBrasil Centro Universitário, com o título “Panorama do cinema paranaense: dos primórdios aos dias atuais”, no auditório René Ariel Dotti. O objetivo foi compreender a construção do cinema paranaense com um olhar sensível às produções locais e profissionais de destaque na produção fílmica paranaense, oportunizando aos discentes visualizar a pertinência e importância do cinema estadual e local, e mostrar que o “cinema paranaense rompe com o dilema de que não temos cultura própria”.

Fernando Severo é professor no curso de Cinema e Audiovisual que integra a Faculdade de Artes do Paraná (Unespar/FAP) da Universidade Estadual do Paraná, doutor em Comunicação e Linguagens (UTP) e membro do Conselho de Cinema do Ministério da Cultura. Ao longo de sua trajetória profissional, o cineasta apresenta mais de 40 produções, entre filmes, curtas-metragens e média-metragens e documentários.

O cineasta expôs a história do cinema mundial até sua chegada ao Brasil e, em especial, ao estado do Paraná, destacando a importância do cinema paranaense, ainda desconhecido de muitas pessoas, que foi pioneira em diversos sentidos.

Apenas dois anos após a invenção do cinematógrafo (máquina capaz de capturar uma sequência de imagens e projetá-las em movimento), pelos franceses irmãos Lumière, o Theatro Hauer realizava, em 25 de agosto de 1897, a primeira sessão de cinema no Paraná.

AUTORES

Gabriel Alexandre Bozza - Mestre em Comunicação (UFPR) e Professor de Publicidade e Propaganda, UniBrasil Centro Universitário.

Victor Hugo Furman - Aluno de Publicidade e Propaganda do UniBrasil Centro Universitário

As produções cinematográficas locais, entretanto, levaram mais alguns anos para o início. Os registros fílmicos apontam o ano de 1909 como início das primeiras produções, assim como a existência de apenas três cineastas do interior do estado: Annibal Requião, João Baptista Groff e Arthur Rogge. O primeiro filme de Requião, “Desfile Militar de 15 de Novembro”, foi exibido no Parque Coliseu, até então a única sala para cinema em Curitiba. Posteriormente surgiram salas de cinema, como o cine Éden Paranaense, que exibiu vários dos mais de 300 documentários produzidos pela Kosmos Film.

Em 1924, houve a criação do Movimento Paranista, em resposta à Semana de Arte Moderna, para valorizar a cultura e arte paranaense. O símbolo do “paranismo” passou a ser observado em traços culturais locais, desde um pinhão nas calçadas, nas fachadas, pisos e outros detalhes estéticos e esculturais. O objetivo era adotar uma arte tipicamente paranaense através de símbolos nativos, como a fauna e flora.

O fotógrafo João Baptista Groff produziu, por exemplo, um cinejornal local com novidades paranaenses e do Brasil. Além disso, vendeu muitos filmes para fora do estado. Nos anos 1930, começa o cinema sonoro, ainda que o filme mudo fosse preponderante no período; e como cita Severo houve algumas aparições do cinema mudo em Minas Gerais e no nordeste paranaense. Entretanto, apenas em São Paulo e Rio de Janeiro, pelo potencial operacional, foram realizadas produções com áudio. Nessa mesma década, segundo Severo (2022), o cinema paranaense passou por uma crise de público, pois os filmes eram caros para exibidores e conseqüentemente para os espectadores.

Devemos destacar ainda a importância de Arthur Rogge que desejava produzir filmes de ficção e queria criar estúdios similares ao que observou em Hollywood. Ele criou o Hollywood Studios, o primeiro longa-

metragem paranaense com imagens de Los Angeles e de artistas de cinema. Ele fundou ainda uma moderna produtora em Curitiba.

Durante as décadas de 40 e 50 aconteceu um hiato na cinematografia paranaense e as produções são desconhecidas. Porém, neste mesmo período, se destaca a obra do cineasta tcheco Vladimir Kozák, a quem é atribuído o filme Maravilhas do Paraná, um dos primeiros filmes a cores realizado no Paraná. O cineasta produziu muitos filmes antropológicos com registros de índios da etnia Xingu, na Amazônia e no norte pioneiro paranaense.

No fim dos anos 1950, a influência da nouvelle-vague trouxe mudanças culturais e surgem cineastas como Sylvio Back que produziu em 1968, Lance Maior, o segundo longa-metragem paranaense e o primeiro longa sonoro profissional, e no elenco atores consagrados como Reginaldo Farias e Regina Duarte. Nos anos 70, o cinema paranaense ganhou destaque com a criação da Cinemateca do Museu Guido Viaro por



Fernando Severo.

Valêncio Xavier, em 1975, e pelo movimento superoitista com uma renovação estética. Surgem vários cineastas da Geração Cinemateca, com Severo sendo um desses profissionais.

Nos anos 1980 ocorre a transição do Super 8 para o vídeo com custo de produção mais baixo. A Lei Municipal de Incentivo à Cultura, em 1993, pela Prefeitura Municipal de Curitiba, traz apoio e recursos para novas produções locais, criou-se a Associação de Cinema do Paraná (AVEC) em 1992, como força política, e a partir de 2005 iniciou-se um ciclo de premiações com o Prêmio Estadual de Cinema e Vídeo. Além disso, nesse mesmo ano, houve a criação do curso de cinema e vídeo da FAP que formou vários diretores, roteiristas e profissionais importantes do cinema paranaense.

Em 2009, destaque para o filme de Marcos Jorge e Fernando Severo, *Corpos Celestes*, um longa-metragem relevante e referência para a produção cinematográfica local, estadual e nacional. Diversas obras merecem destaque até as produções mais recentes, como *Curitiba Zero Grau*, *Mistérios*, *Estômago*, *Ferrugem*, *Alice Júnior*, *Deserto Particular*, *Espírito de Contradição* e *Cineastas do Paraná*.

Com esta viagem na história do cinema paranaense, Severo demonstrou a importância do cinema nas produções audiovisuais, destacando os conteúdos, formas, estruturas, características e relevância das produções locais e de seus precursores, muitos desconhecidos do grande público, dada a carência de registros. Alguns acervos, inclusive, foram perdidos num incêndio na Cinemateca, em 1957. Durante muito tempo, a cultura paranaense, e conseqüentemente o cinema, foi diretamente influenciado pela cultura de massa estrangeira e ofuscada pelo protagonismo de Rio de Janeiro e São Paulo. Os cinemas curitibanos, que até 1975 eram num total de 15, viraram estacionamentos

ou outros estabelecimentos comerciais – com exceção da Cinemateca e Cine Passeio – sucumbindo a lógica do cinema de shopping centers. Além disso, apesar da contribuição ao cinema brasileiro, os paranaenses falharam ao deixar de registrar detalhes da sua própria terra, como o sotaque, as belezas regionais e problemas sociais. Talvez fosse necessário adotar menos a industrialização americana e mais o protecionismo cultural francês.

Além disso, as explanações do cineasta foram relevantes aos olhos das novas gerações que o assistiram, pois possibilitaram demonstrar que é possível ser um profissional do cinema e publicitário, ter um olhar original e romper com fórmulas prontas. Um exemplo é a produtora local *Asteróide*, premiada, reconhecida fora do Brasil, e criada por profissionais ligados à Publicidade e Propaganda.

A arte cinematográfica com certeza é um campo promissor de trabalho para egressos de cursos desta área.

